

Parece-me que vãs e cheias de erro são as ciências que não nascem da experiência, mãe de toda a certeza, e que não conduzem a uma noção experimental, quer dizer, que nem na origem, nem no meio, nem no fim passam por algum dos cinco sentidos

LEONARDO DA VINCI

---

NÚMERO AVULSO — 7850

# VÉRTICE

REVISTA DE CULTURA E ARTE

## SUMÁRIO

**A resposta de Castilho...**, Mário Sacramento ● **Motivo de tristeza**, conto de Enrique Amorim ● **Leonardo da Vinci**, Rodrigo Bastos ● **História e linguagem**, Ferreira Dinis ● **A polémica entre Camilo e A. Concelção**, J. Sousa Mendes ● **A arquitectura de hoje**, Fernandes Amorim ● **Um inédito do Visconde da Carreira** ● **A indústria portuguesa**, Rui Grácio ● **PANORAMA: Nota de desabafo a propósito de um velho problema**, António de Almeida ● **Comentários desconexos de Abril**, Sebastião Morais ● **Breves notas sobre um aspecto da obra de Eisenstein**, Jaime Viana ● **Apontamentos provincianos**, Antero de Sousa ● **O cinema e o trágico cotidiano**, António Brochado ● **CRÍTICA DE LIVROS: Notas de leitura** ● **DA MÚSICA: Luís de Freitas Branco e J. J. Cochofel**

V O L . X I I

105

MAIO 1952

## A RESPOSTA DE CASTILHO...

por

MÁRIO SACRAMENTO

Julgo que nem mesmo os que mais atendem à influência do temperamento e da doença na obra de Antero ou os que, inversamente, mais se empenham em justificar todas as suas contradições por um critério de «humanismo», rejeitarão em absoluto esta plataforma sumária: a experiência anterioriana resume, por todos os seus aspectos, uma época de crise ideológica.

Com base nela, poderemos sempre com efeito (seja qual for o rumo que nos propunhamos) reconhecer Antero muito melhor — em toda a sua grandeza e em toda a sua miséria. O resto... será apenas uma questão dependente dos pontos sobre que fizermos incidir os nossos valores...

Rendido assim o devido preito à generosidade longânime..., seja-nos permitido que sem mais delongas passemos a propor à sua vida e à sua obra o nosso símile, a saber: o da guarita do agulheiro dum grande entroncamento ferroviário que um certo dia, viajando de trem, se nos deparasse abandonado e deserto. Desesperando de receber o sinal que deveria autorizar-nos a prosseguir, mas nem por isso desistindo de levar a viagem a cabo, só restaria a solução de um de nós subir à guarita, manobrar a alavanca, retomar o trem... e... seguirmos.

Aos que ocupam na sociedade de hoje posições equivalentes à de Antero na do seu tempo, sucede-lhes invariavelmente que, uma vez trepados à guarita, se tentam: quer seja pelo ofício de... agulheiros («*Tendências gerais da Filosofia...*»), quer pela miragem dos destinos «possíveis» («*Sonetos*»); e só uns poucos se empenharão ainda na rebusca do critério (da alavanca) capaz de impor o «melhor» de entre eles (já de antemão, claro está, pre-especulativamente determinado...). Num ponto apenas há unanimidade: em não se reconhecer que o estado de abandono em que encontráramos o entroncamento impunha a renúncia à viagem, dada a impossibilidade de a levarmos a bom termo nas mais elementares condições de segurança; e obrigava assim a abandonar o trem sem hesitações — seguindo filosoficamente pela estrada em-fora.

Mas está afinal aqui (inesperada e quase involuntariamente aposta) a marca inconfundível desta experiência. Com efeito, «seguir filosoficamente

Durante dois ou três meses haviam-se chocado duas épocas que, apesar de próximas, falavam línguas diferentes e tinham da vida compreensões também diferentes. E se a Camilo ficavam mais uma vez entregues, ao menos aparentemente, os trofeus da vitória, a Alexandre da Conceição coubera a glória de ter exposto com vigor as razões em que a sua geração se fundava para querer uma literatura renovada e feita por escritores mais conscientes das suas responsabilidades (12).

Sapateira, Setembro de 1951.

(12) Este artigo foi escrito no verão de 1951 para servir de prefácio à edição integral da polémica a que se refere, projecto que não foi possível levar a termo por falta de editor, apesar de realizado todo o trabalho de compilação e anotação. Posteriormente, Manuel Lavrador publicou no jornal *República* um estudo biográfico de Alexandre da Conceição (V. n.ºs de 18, 21, 23, 25 e 30 de Outubro; e 6, 9 e 13 de Novembro de 1951), onde a polémica travada entre o biografado e Camilo vem largamente referida (V. o 5.º e o 6.º artigos daquela série).

## A ARQUITECTURA DE HOJE

por

FERNANDES AMORIM

A designação de «Arquitectura Moderna» prefiro a de «Arquitectura de Hoje» para me referir às realizações architectónicas dos últimos trinta anos. Toda a arquitectura foi moderna — a egípcia, de há 5.000 anos, a helénica de há 2.500, a medieval de há mil, a da renascença, etc. Até foi moderna a arquitectura embrionária da pré-história, a dos Dolmens, dos Cromleques e Menhires, monumentos megalíticos dos longínquos alvares das sociedades primitivas.

Ao conceito de moderno quero dar um sentido de aquisição e contribuição, de ultrapassagem. A Arquitectura de hoje, isto é, a arquitectura moderna dos últimos anos, é animada por um movimento irreprimível, — não há força do espírito ou da matéria capaz de o deter, como não há força capaz de alterar e natural evoluir da história.

Porque se trata de uma actividade que se caracteriza por dois fundamentais aspectos — o científico e o artístico, o utilitário e o emotivo — porque se trata de um assunto que envolve, em condições particulares, o que é objectivo e o que é subjectivo, numa contradição coerente, numa dualidade antagónica, surgem daí a pluralização de conceitos, a diversidade das correntes. Porque a arte anda ligada à vida, porque a arte e a vida são, diríamos, uma mesma coisa, não será possível, sem cairmos numa especulação vazia — abstracta — compreender a arte separada da vida, pois ela é a manifestação mais elevada das nossas ansiedades e das nossas inquietações. Ela é uma das formas mais importantes da actividade humana, quer referindo-nos ao indivíduo como elemento — como unidade psico-biológica — quer à colectividade como organização necessária de interesses. Ela é, enfim, um reflexo das sociedades: uma determinada forma de arte corresponde a um determinado tipo de sociedade, a um determinado tipo de civilização.

As grandes manifestações artísticas são o produto de uma selecção de valores positivos de cada época. Os períodos negativos da história não poderão legar à posteridade obras de arte representativas, no sentido mais lato do termo, porque esses períodos negam a humanização — o enriquecimento material e espiritual do homem e da colectividade.

Melhor talvez do que em qualquer outra manifestação de arte, a arquitectura define determinado momento porque ela abrange e congrega na obra todas as conquistas do homem; daí a sua complexidade.

A arquitectura é uma ciência e é uma arte. Apropria-se de uma técnica, de um processo de construir, e utiliza valores de ordem psicológica, que associados em condições particulares, traduzindo-se num jogo especial de superfícies e volumes, despertam em nós ideias, sentimentos e emoções, reflexos conscientes ou inconscientes da vida, nas suas múltiplas facetas. Ampara-se de uma técnica que contém implícitos o progresso e a aquisição, e desenvolvimento do património científico e artístico das gerações. À arquitectura incumbe delinear e construir a casa, a fábrica, o estádio, a escola, etc., abrigos para as diferentes actividades do ser humano: habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito.

A importância da técnica na obra de arquitectura manifesta-se com tal evidência que nos é possível identificar uma realização arquitectónica pela sua expressão plástica. A descoberta de uma técnica e a sua exploração andam ligadas intimamente à formação de um estilo.

Não é o material utilizado na obra de arquitectura que determina o estilo e o define, mas sim o domínio do material, a capacidade de o submeter às necessidades do homem. O processo de edificar caracteriza automaticamente um dos aspectos da obra arquitectónica, e digo um dos aspectos, porque não bastam as técnicas para definir a obra de arte.

Com os mesmos materiais — a pedra, o tijolo e a madeira, floresceram os grandes estilos da história: o egípcio, o grego, o romano, o românico, o gótico, a renascença, para não falar senão nos mais familiares.

Na antiguidade oriental e clássica, na Idade Média e no renascimento, neste fluir de civilizações, o estilo não é estático; cada nova aquisição neste domínio tem por base, não os processos imitativos das aquisições anteriores, mas sim a luta persistente que a lição dos antepassados legou à geração posterior.

A arquitectura é uma arte-ciência intimamente ligada à organização social que modelou o artista no seu temperamento e na sua acção e criou também, dentro de coordenadas definidas de tempo e espaço, o género ou a espécie de edificação característica.

O Dólmen, o templo, a Catedral, a fábrica ou o imóvel aderem a épocas distintas, a padrões definidos de vida. É logicamente inconcebível alterar a relação entre determinada época e o tipo de construção que nela teve um desenvolvimento específico.

Para a apreensão da obra de arte não devem ser indiferentes ao observador o conhecimento das obras do passado, a sua verdadeira situação no meio e lugar, no tempo e no espaço; esta apreensão é tanto mais completa quanto maior for o conhecimento das determinantes que estão na base da sua criação.

A técnica, a arte, a matéria conduzida pela inteligência e dominada pelo espírito, tudo identificado com o homem, manifestando-se através de uma unidade, que é o denominador comum da variedade, isto é, a harmonia das partes num todo indissolúvel, são em termos esquemáticos os «elementos» da obra de arte arquitectónica. Depois desta visão panorâmica geral, poderemos situar na nossa frente o objecto para distinguir-lhe algumas particularidades. É o que resta para melhor compreensão do problema.

Em todos os tempos, desde as épocas longínquas da pré-história, passando pelas civilizações florescentes do Egipto ou da Mesopotâmia, da China ou da Índia, da Grécia ou de Roma, da Época Medieval ou Moderna, a obra de arquitectura surge-nos sempre com uma finalidade, — a função; materializa-se num sistema rígido — a estrutura, a que o temperamento do artista, sob a influência do meio (geofísico e social) dá a forma: Função, Estrutura e Forma. *Função* — variável no tempo e no espaço, em consequência das necessidades do homem no evoluir histórico. *Estrutura* — variável no tempo e no espaço, em consequência do progresso da técnica (emprego do arco, da abóbada, da cúpula), da experiência e do conhecimento das leis da natureza. *Forma* — variável no tempo e no espaço em consequência da vida, das tendências, dos desejos, dos ideais humanos. A íntima ligação destes valores num conjunto harmónico constitui a obra de arquitectura. Já há dois mil anos distinguia Vitruvius em toda a obra construída aquelas condições de utilidade, solidez e beleza, correspondendo ao fim, ao meio, e ao efeito.

E Le Corbusier, nos nossos dias, afirma que o volume e a superfície são os elementos pelos quais se manifesta a arquitectura — jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes sob a luz.

Quando se rompe a harmonia do conjunto — Função, Estrutura, Forma — pelo predomínio excessivo dum dos elementos, o estilo entra em decadência, na asfixia... na morte, dando lugar a outro, caracterizado por uma nova forma de equilíbrio, apoiada numa vida nova e em nova sociedade. Todos os movimentos da história são provocados pela existência de forças procurando o equilíbrio, a estabilidade. Em arquitectura, o móvel do progresso é o desejo de satisfazer as necessidades do homem, buscando novas formas de equilíbrio sempre que a técnica faz novas conquistas.

Não se concebe a existência de humanidade sem a ânsia de criar necessidades, e sem a necessidade de as satisfazer. É a grande virtude do homem e a razão de ser do progresso.

Ao lado das forças negativas há o impulso criador, o sangue novo que destrói para edificar.

O período que atravessamos é a tal respeito um dos mais graves porque,

possuindo as condições essenciais para a realização da felicidade, o homem se debate naquilo a que poderíamos chamar o «paradoxo do século».

Um horizonte largo, com infinitas possibilidades no domínio da técnica e da ciência, em todos os campos do saber se estende na nossa frente, mas a perfeita integração do homem no seu meio não se verifica. Este facto importante vem esclarecer a posição dos architectos contemporâneos.

Analiseemos o nosso século ou, melhor, as condições actuais para a existência de uma architectura de hoje.

Existe uma architectura representativa dos nossos dias, inconfundível, alicerçada numa doutrina. Nem os gritos dos saudosistas, nem as violências nem os rancores poderão deter ou inverter o curso das coisas.

A Era que atravessamos é assinalada pelo desenvolvimento no século passado, de um factor importante — a máquina. Este instrumento extraordinário, alterou profundamente os nossos hábitos e as relações humanas. A máquina a vapor, o motor de explosão e a electricidade, por meio das suas múltiplas applicações — os caminhos de ferro, o automóvel, o avião, o telefone, o telégrafo, a rádio, o cinema — agigantaram a vida moderna. Os povos aproximaram-se, criou-se uma interdependência já mais sonhada. A nossa época é, caracterizada por esta realidade — o poder da máquina, trazendo a abundância de bens e os meios da sua distribuição.

É neste clima, que o architecto levanta os edificios do seu tempo. A architectura de hoje respira esta atmosfera, vive este ambiente, expressando as duas faces do século. Ou traduz a humanização, a integração do homem no seu meio, ou se compromete no decalque do que já não é vivo.

A architectura de hoje expressa as duas faces do nosso século, aliás como reflectiu através das idades as duas faces contraditórias inerentes às civilizações passadas.

Ou utiliza os materiais que a máquina fornece, as conquistas positivas do esforço comum, as aquisições no domínio das técnicas, das ciências applicadas, da engenharia, da medicina, ou se obstina no sentido de permanência, de horror ao novo, servindo-se de processos de construção anacrónicos e utilizando o arqueológico na expressão plástica. Teremos nós uma architectura de hoje, uma Architectura Moderna, à altura das grandes realizações do passado? Um estilo novo à altura de um helénico, de um gótico, de um renascimento? Antes de responder a uma tal interrogação, vou transcrever uma passagem de Horacios Camilus, de uma conferência há anos proferida na Universidade Tucumano sobre o tema «*O Pensamento do século XX na Architectura e no Urbanismo*».

«Não pode haver architectura de hierarquia sem a contribuição cria-

dora de todos os que intervêm na obra, desde os que a concebem até ao mais humilde operário. Esta admirável conjunção foi possível nos monumentos góticos — liberdade dentro de uma unidade.

A construção erguia-se pelos séculos fora e uma harmonia e variedade se reflectia — harmonia dada pela unidade de pensamento ou crença, variedade dada pelo esforço criador do mais obscuro aprendiz, que, expressando-se com a maior liberdade, contribuía com o máximo esforço da sua dedicação e capacidade criadora.

Dentro de uma ordem, o artista do vitral, o escultor, ou o que simplesmente desbastava a pedra, trabalhavam com o empenho e o amor de estarem a criar uma obra prima ou simplesmente uma obra».

E mais adiante:

«Na actualidade o esforço da criação, bom ou mau, e com mais frequência, sem esforço, está limitado àquele que concebe a obra no plano. Daí para baixo: construtores, operários, ignoram em absoluto o que fazem e até mais: fazem-no, não pela obra em si, mas para ganharem o seu sustento.

É bastante explicativa uma fábula que nos contaram: Se vemos hoje um operário picando pedra e lhe perguntarmos o que faz, responder-nos-á seguramente: estou a ganhar a vida. Há uns anos o mesmo operário teria respondido: estou picando pedra. E no tempo das catedrais a sua resposta teria sido seguramente esta: Estou a construir uma catedral».

A arte e a architectura têm de ser uma expressão de conjunto. Nela se sublima a cultura de um povo; e por isso reconhece um fundo popular. A architectura egípcia, a mesopotâmica, a grega ou a gótica são amostras mais colossais de esforços colectivos. A arte e a architectura não foram propriedade exclusiva de eleitos, o artista não fez mais do que captar, exaltar, expressar o sentir dos que o rodeavam.

Ao analisarmos o nosso tempo, é com profunda mágoa que verificamos um divórcio nítido entre o artista e o público. A maioria não compreende a obra dos artistas, é-lhe indiferente, se bem que não possa negar a sua existência. Os problemas da cultura atravessam uma grave crise. Não existe por isso no nosso tempo uma architectura à altura dos estilos do passado; existem, todavia, possibilidades técnicas, conhecimentos, sensibilidade para abrir-lhe o caminho. Todas as conquistas reais do homem, na matéria e no pensamento, continuam conjugando-se para a efectivação de uma nova sociedade e consequentemente uma nova arte.

Quais, pois, as características da architectura de hoje?

Quais as características na habitação, nos locais de trabalho, nos centros de saúde e de recreio?

— Uma técnica ao serviço do homem — simplicidade — abolição de decoração epidérmica inconsequente; utilização em larga escala de uma nova forma de construir; aplicação dos materiais apropriados aos fins a que se destinam; a procura da luz, do sol, do ar, o contacto mais directo com a natureza. A intervenção dos conhecimentos de higiene e salubridade, a aplicação destes conhecimentos na organização funcional da casa, do imóvel, da fábrica, do edifício público, do edifício civil ou religioso.

Uma técnica ao serviço do homem — o urbanismo como ciência e arte da organização dos centros urbanos e dos centros rurais — planificação dos pequenos e grandes aglomerados.

O emprego de novos materiais, como o cimento, o aço, o vidro, os metais, as ligas, que originam as novas estruturas por meio das quais a moderna arquitectura encontra a linguagem da sua forma.

Da profunda alteração da vida do homem, resulta a necessidade de preencher solicitações, analisar novas necessidades e daí o novo sentido de função. Nos estudos sobre habitação e vistas as realidades presentes, Architectura e Urbanismo são inseparáveis.

Os nossos edifícios são pois diferentes dos edifícios do passado porque vivemos num mundo diferente. O architecto de hoje, o autêntico architecto, tem de estudar os problemas de hoje com espírito analítico, não pode sujeitar-se a velhas fórmulas, a repetir as formas ou técnicas antigas.

A arquitectura de hoje, como arte, tem de apoiar-se na ciência e na técnica, se bem que não deva subordinar-se-lhes inteiramente. Todavia, a maioria dos Architectos contemporâneos não são modernos, porque, contrariando o espírito científico, não contribuem para a melhoria da construção, e não colocam o problema no seu próprio tempo. Apesar disso, nos últimos 20 ou 30 anos surgiu uma autêntica arquitectura, contendo em si o germen das grandes satisfações de amanhã, trilhando um caminho seguro, patenteando um novo e são espírito, opondo-se àquilo que a arquitectura de ontem esgotou. A arquitectura moderna é qualquer coisa que pressupõe a ideia de uma negação, não do passado, mas das impossibilidades que esse passado enfrentava para satisfazer algumas necessidades do homem.

Como poderemos nós persistir, dizia eu numa palestra, há meses proferida na Escola de Belas Artes, na reprodução das coisas que serviram outras épocas e que só por uma ausência de espírito crítico ou de saudosismo doentio, se defendem ou se aceitam?

E porquê esta confusão nos conceitos de Regionalismo e Tradição em arquitectura, quando Regionalismo deve ser tomado no sentido de integração no conjunto económico e mesológico de um determinado espaço em que as afi-

nidades de clima, distribuição de valores, etc., estabelecem a unidade, a tradição, como interpretação à escala dos nossos dias, de todo o processo evolutivo da sua essência, da criação das grandes manifestações humanas?

Como não aceitar as imensas possibilidades de hoje, quando a nossa casa pode servir melhor, possuir nova utensilagem, ter nova expressão plástica, uma racional disposição de dependências, uma compartimentação lógica de acordo com a vida que já não é a mesma de há 50 ou 100 anos?

Lembremo-nos de que hoje, poderemos, se em nossa frente se estende uma bela paisagem ou a linha límpida do mar, abrir uma janela sem obstáculos intermédios, com 5, 10 ou 15 metros, onde toda a paisagem e todo o mar participam da nossa vida. Poderão ser admirados, como num quadro enorme, todo o mar e toda a paisagem com um simples rodar de cabeça, no *maple* da nossa sala de estar.

Poderemos ocupar os terraços de jardins suspensos, solários, recuperando o terreno da implantação, poderemos levantar a casa, suspendê-la, para apoiar-la serenamente numa estrutura rígida de apoios, e a casa desafiará as leis da gravidade, e a casa, a nossa casa, expor-se-nos-á com a clareza e a sinceridade da sua construção, sem emolduramentos falsos, sem telhadinhos sobre as janelas minúsculas que mais parecem furos equipados de uma exótica caixilharia, de paus e pausinhos, pinázios, travessas, vidros e vidrinhos, dando-nos a sensação enervante de que estamos prisioneiros e de que a paisagem ou o mar foram abusivamente reticulados.

As possibilidades construtivas de hoje, a aplicação de novos materiais com fins práticos, numa forma que até agora não tinha sido possível, o emprego de novos métodos de construção que alteraram as condições dos materiais antigos, tais como as madeiras prensadas, os contraplacados, as baquelites, os plásticos, os aços, emprestam sem dúvida à nossa casa e aos restantes edifícios de hoje um aspecto diferente, mas nem por isso destituído de arte, de beleza, de ordem estética e de harmonia. Hoje não se submete a edificação a sistemas rígidos de simetria, mas antes ela assume uma forma livre, assimétrica equilibrada, porque responde clara e honestamente às diversas solicitações. O cimento armado é uma nova pedra; como esta, realizará pela força criadora do homem verdadeiras obras de arte.

«É preciso repudiar o estado de espírito timorato destes últimos anos. Deixemos de duvidar para termos a fé dos construtores das catedrais» — diz-nos o architecto Marcel Lods. «Meditemos que no tempo em que eles lançavam as suas abóbadas não dispunham mais do que da pedra e dos vigamentos de madeira». «O que teriam eles empreendido se dispusessem dos meios de hoje !...»

Para não lhes ficarmos inferiores, temos de ser homens da época em que vivemos e aproveitar adequadamente tudo o que o progresso pôs à nossa disposição. Será porventura um espírito diabólico, satânico que levantou os novos grandes imóveis? Ou será justo, humano o critério daquele senhor, símbolo de tantos outros, que em certa altura afirmou que mandaria expropriar todas essas obras se por ventura viesse a ocupar um lugar de comando? Porque, em vez de o fazer, ou antes de o fazer, não analisaria as condições de 90 % das habitações existentes?

A tarefa do architecto será edificar construções de linhas sóbrias e harmoniosas, funcionalmente bem estudadas, simplificando o trabalho da mulher no lar, criando um ambiente agradável, salubre, higiénico ao operário da fábrica, ao empregado de escritório, ao estudante, e delinear os planos dos aglomerados populacionais em que a humanidade de amanhã sinta intensamente a alegria de viver.

E se cumprir esta tarefa, não terá vivido em vão.

## UM INÉDITO DO VISCONDE DA CARREIRA

(Continuação)

«Extractos da biografia de Silva Carvalho na *BIOGRAPHIE DES HOMMES DU JOUR*, vol. III».

Silva Carvalho convidado por D. Pedro a acompanhá-lo à Ilha Terceira e a ocupar um lugar de ministro, recusa este, mas vai com o imperador que o nomeia, primeiro, para outro cargo nos conselhos de guerra, e, depois do desembarque no Porto, director dos assuntos civis do Exército e presidente do «tribunal de guerra e de justiça».

«Cada dia se apertava mais o cerco, os recursos estavam completamente esgotados, e a cidade do Porto ia ser forçada a render-se ao inimigo por falta de provisões de toda a espécie, quando D. Pedro chamou o snr. Silva Carvalho para o ministério das finanças (dezembro, 1832).

A posição era desesperante. Os acontecimentos militares abalavam a confiança. A dívida urgente elevava-se a uma soma considerável. O tesouro estava esgotado. Há muito que o exército não recebia soldo e há dois meses que nenhuma entrega de fundos tinha sido feita aos fornecedores para a alimentação dos soldados.

A coragem do snr. Silva Carvalho cresceu com a dificuldade das circunstâncias. Provocou uma reunião dos principais negociantes e banqueiros da cidade, formou uma comissão do tesouro público composta dos chefes de empresas mais hábeis e mais respeitáveis, e tomou medidas tão enérgicas e tão a-propósito que pôde proteger a rectaguarda e fazer pagar o soldo do exército dia a dia. Conseguiu estabelecer, no mar, à entrada do porto, grandes depósitos de provisões de boca e de guerra, por meio dos quais socorria o exército à medida que lhe era possível fazer entrar as provisões e as munições no Porto, passando através do fogo mais sustido e vivo do inimigo.

O cerco prolongava-se e os sitiados estavam, por assim dizer, reduzidos às suas muralhas» (1).

### NOTAS DO VISCONDE DA CARREIRA

(1) O snr. Silva Carvalho prestou, durante o tempo que ocupou o Ministério das Finanças no Porto (Dezembro de 1832) os mais importantes serviços à causa da Rainha, e sucedeu muito a propósito ao snr. Mousinho da Silveira que tinha desesperado desta causa e cujo carácter austero e princípios inflexíveis eram pouco adequados às medidas, por pouco despóticas que fossem, que as circunstâncias exigiam imperiosamente. Mas a *Biographie*, depois de ter narrado como o sr. Silva Carvalho tinha assegurado o pagamento do exército e as provisões de boca e de guerra, cai numa evidente contradição quando diz que os